

## Família de São Miguel adere à agroecologia e diversifica produção

A experiência da produção do casal Edmilson França de Aquino (seu Didi) e Francisca Cláudio da Silva Aquino (dona Cláudia), com filho Márcio França de Aquino (Dudu), é bem interessante. Eles moram na comunidade Bonito do Acampamento, em São Miguel, região do Alto Oeste do Rio Grande do Norte, e cultivam o quintal na propriedade dos pais de dona Cláudia. A área é menor do que um hectare, mas eles produzem uma diversidade enorme de hortaliças, frutas e tubérculos, como batatas e macaxeira.

Eles começaram a produção há 8 anos, com uso de agrotóxicos, como fazia a maioria das famílias da comunidade, e produzia um tipo de verdura. “A gente só produzia cheiro-verde”, afirma seu Didi.

A comunidade Bonito do Acampamento é conhecida como a que mais usa veneno na produção de alimentos. Hoje, isso está mudando. Grande parte das famílias aderiu aos princípios da produção agroecológica.

Há cerca de 2 anos, depois que começaram a receber orientações sobre como produzir dentro dos princípios da agroecologia, seu Didi e dona Cláudia deixaram de usar venenos e diversificaram a produção. Eles mesmos produzem o biofertilizante usado no quintal. Cultivam plantas e pimentas utilizadas para repelir as pragas. “Não basta ter a pimenta plantada. Tem que fazer o preparo e pulverizar. E a gente também cria um gato pra espantar os passarinhos que estragam as folhas e frutas”, acrescenta seu Didi.

A família não tem nenhuma tecnologia social de captação e estocagem de água de produção. Utilizava água de um poço tubular, que já secou. Agora depende da água de um açude da comunidade. Em





2017, houve escassez de água e eles irrigavam com um regador manual. Agora, usam aspersores. “Mas a gente vai ter uma barragem subterrânea. O engenheiro já veio aqui e disse que dá pra fazer daqui pro final do ano. Aí, se sair, vai melhorar mais ainda”, afirma seu Didi.

Mesmo sem um reservatório de água para produção perto de casa, o quintal mais parece um oásis em meio à vegetação seca do lugar. Eles explicam como a família diversificou a produção. “Pesquisamos na internet, pra ver o que o povo plantava. Aí, a gente comprava a semente e ia plantando”, diz dona Cláudia.

Eles buscaram sementes e foram experimentando. Hoje, a família cultiva coqueiros, bananeiras, graviola, macaxeira, babata doce, rabanete, cebola de cabeça e de folha, cheiro-verde, coentro, alface, rúcula, couve, pimentas, amendoim, cenoura, nabo, abóbora, melão de cheiro, jerimum, abobrinha, cana de açúcar, pimentão, hortelã da folha miúda, erva cidreira e manjeriço. Eles começam a criar porcos para aproveitar as sobras de verduras que não servem para comercializar.

A família também utiliza o plantio de capim como quebra-vento. “O quebra-vento é bom demais, porque o vento seca muito a terra. A gente vê os outros cantos secos, mas aqui não; a terra fica molhada. Por isso a gente só irriga uma vez por dia. Sem o quebra-vento tinha que irrigar de manhã e de tarde”, explicam. Nos quintais que

não utilizam o quebra-vento é necessário irrigar até três vezes ao dia. Outra razão da economia de água é a produção consorciada. “O solo segura mais água”, explicam.

Inicialmente a família comercializava a maior parte dos produtos em Pau dos Ferros-RN e outra parte em São Miguel. “Mas agora, com as barracas (da feira agroecológica organizada pela Central de Associações de São Miguel), a gente vende só em São Miguel. Não sobra nada. E também, com a feira, agora não tem ninguém tomando a frente do outro. Graças a Deus o que estamos levando, vendemos tudo”, comenta seu Didi.

A feira agroecológica é realizada às quartas-feiras e aos sábados, em São Miguel. Além dos alimentos, seu Didi, dona Cláudia e Dudu também produzem mudas de plantas medicinais, como hortelã e alecrim, e de hortaliças pra vender na feira. “Vende tudim. Não sobra uma muda”, diz dona Cláudia.

Ela lembra que aprenderam muitas técnicas através do acompanhamento feito pelo Agrônomo Fabrício (do Seapac) e Elaine (do Sebrae/Senar). “Cada experiência que eles trazem, a gente vai fazendo. E todas as sementes novas que eles trazem, a gente planta. E está dando certo, graças a Deus”, afirmam dona Cláudia e seu Didi.

